Hesio Cordeiro: Um Arquiteto da Saúde Coletiva Brasileira – Trajetória, Pensamento e Legado

Hesio Cordeiro (1942-2021) emerge das entrevistas como uma figura central e multifacetada na história da saúde coletiva brasileira. Médico, professor, gestor público e militante político, sua trajetória é intrinsecamente ligada à criação e consolidação do Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), à formulação da Reforma Sanitária e à implementação do Sistema Único de Saúde (SUS). Suas memórias e análises oferecem um panorama detalhado das tensões ideológicas, dos desafios institucionais e das conquistas que moldaram o campo da saúde pública no Brasil, convidando especialistas, estudantes e o público em geral a uma reflexão crítica sobre o passado e o futuro do setor.

1. Trajetória e Formação: Da Clínica Social ao Engajamento Político

A formação de Hesio Cordeiro teve início na Faculdade de Ciências Médicas, onde seu primeiro contato com a medicina foi marcado pela influência do Professor Américo Piquet Carneiro. Piquet, um médico renomado e católico fervoroso, destacava-se por sua profunda vinculação às questões sociais, uma visão que moldaria o jovem Hesio. Cordeiro relata sua experiência no Hospital de Bonsucesso, onde, como estudante, participava do cuidado a pacientes hospitalizados e, de forma inovadora para a época, de visitas domiciliares, uma prática introduzida por Piquet Carneiro. Essa vivência precoce com a dimensão social da medicina, exemplificada pela visita a um paciente no Morro do Borel, foi fundamental para sua compreensão de que a prática médica não deveria ser meramente técnica, mas profundamente humanística.

Sua inclinação política manifestou-se desde cedo; Hesio se declara "getulista desde pequenininho", uma postura que o colocou em oposição ao "lacerdista ferrenho" Carlos Lacerda, apesar de ter prestado assistência profissional a ele por encaminhamento de Piquet Carneiro. Essa dualidade entre o engajamento social e a atuação profissional seria uma constante em sua vida.

Aprofundando sua formação, Hesio Cordeiro realizou o Mestrado em Medicina Social (1981) e o Doutorado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (1996). Sua busca por conhecimento o levou aos Estados Unidos em 1970, com uma bolsa da CAPES providenciada por Piquet Carneiro, para estudar em Kentucky. Lá, ele teve contato com uma faculdade de medicina que, pela primeira vez, introduzia conteúdos sociais e ciências do comportamento humano na prática médica. Essa experiência fortaleceu sua convicção sobre a importância de uma medicina com dimensão social, embora ele notasse a influência do pensamento funcionalista e behaviorista, em contraste com o materialismo histórico e o marxismo que já o influenciavam no Brasil, especialmente por meio de Moyses Szklo.

Seu engajamento político se consolidou com a militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB), influenciado por Sergio Arouca e Moyses Szklo. Embora o PCB fosse ilegal na época, Hesio e outros colegas mantinham uma "dupla militância", atuando também no PMDB, o que lhes permitia influenciar a política de saúde de dentro do sistema. Essa capacidade de transitar entre diferentes esferas políticas e ideológicas, buscando a conciliação e a construção coletiva, é uma marca de sua trajetória.

2. O Papel na Fundação e Consolidação do IMS: Um Espaço de Heterodoxia e Resistência

Hesio Cordeiro foi um dos arquitetos do Instituto de Medicina Social, uma instituição que ele descreve como nascida de uma proposta de renovação do ensino médico, visando uma participação mais social e humanística. A ideia de Piquet Carneiro era ir além da tradicional cadeira de Higiene, fortalecendo o conteúdo científico (com ênfase na genética) e a dimensão social da medicina. O IMS, que começou com o ensino médico e só depois se tornou uma pós-graduação, foi um espaço de "total heterodoxia da concepção", como descrito por José Luís Fiori, um dos nomes que Hesio ajudou a trazer para o Instituto.

A fundação do IMS, em 1970 (segundo a entrevista de 2014), ocorreu em um contexto de ditadura militar, o que exigiu "fiadores" institucionais e políticos. Piquet Carneiro foi o principal deles, usando sua influência e prestígio para proteger o Instituto e seus membros, que eram frequentemente vistos como "subversivos". Hesio relata um episódio em que Piquet se recusou a depor sobre a suposta subversão de alunos, afirmando que seu interesse era na ação dos estudantes, não como políticos. A nomeação de Nelson Moraes, um sanitarista tradicional e aceito pelo *establishment* militar, como primeiro diretor do IMS, foi uma estratégia de Piquet para "blindar" o Instituto.

Hesio Cordeiro destaca a importância de figuras como Nina Pereira Nunes, a quem ele chama de "filósofa do Instituto" e "cimento" que agregava as pessoas, e Moyses Szklo, que o influenciou no materialismo histórico. A vinda de intelectuais como Juan César García (OPAS), Madel Luz e Roberto Machado (que trouxe Michel Foucault para a UERJ) demonstra a abertura do IMS a diversas correntes de pensamento, incluindo o marxismo e a psicanálise, em contraste com o behaviorismo que ele observou nos EUA. Essa pluralidade de ideias, mesmo com divergências (como entre Piquet e Nelson Moraes sobre controle de natalidade), era admitida e estimulada.

A consolidação do IMS em 1974, com o apoio da FINEP, permitiu o desenvolvimento de linhas de pesquisa importantes, como a de Maria Andrea Loyola sobre medicina popular e a do próprio Hesio sobre a indústria farmacêutica. O Instituto, que começou em um "espaçozinho na parasitologia" e depois passou por outros prédios, cresceu e se tornou um centro de excelência, alcançando a nota 7 na CAPES.

3. Pensamento e Contribuições: Da Regulação à Crítica do SUS

O pensamento de Hesio Cordeiro é marcado por uma profunda preocupação com a dimensão social da medicina e a busca por um sistema de saúde mais igualitário. Ele defendia que os alunos de medicina tivessem maior conhecimento das questões sociais, visando uma extensão da cidadania e a pacificação social, e não a luta armada.

Sua visão sobre a relação entre o público e o privado na saúde é pragmática: ele era contrário à estatização radical, defendendo a necessidade de uma regulação estatal mais forte sobre o setor privado. Essa postura o colocou em divergência com Sergio Arouca, que propugnava uma estatização mais completa. Hesio via a regulação como "o que era possível fazer naquele momento" na realidade brasileira.

Sua experiência como presidente do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), de 1985 a 1986, é um ponto alto de sua trajetória. Indicado pelo grupo de saúde do PMDB e apoiado por Waldir Pires, Hesio enfrentou forte resistência do setor privado, que o via como "estatizante" e se opunha às suas críticas ao pagamento por Unidade de Serviço, considerado um fator de corrupção. Sua gestão no INAMPS foi crucial para a transição para o SUS, embora ele, em retrospectiva, a visse como uma "destruição por dentro" do INAMPS para dar condições à emergência do novo sistema. Ele trouxe para o INAMPS quadros do IMS e da ENSP, como José Gomes Temporão, José Noronha e Mario Dal Poz.

Hesio Cordeiro foi um dos formuladores do documento "A Questão Democrática na Saúde", de 1976, que, segundo ele, foi o primeiro a mencionar o termo "Sistema Único de Saúde". No entanto, ele expressa uma crítica à evolução do SUS, argumentando que o Instituto (e talvez a Saúde Coletiva em geral) perdeu o compromisso com a formulação de políticas públicas, tornando-se excessivamente centrado na epidemiologia quantitativista. Ele lamenta a "contaminação" do SUS pela questão das Organizações Sociais (OSs) e outras formas de privatização da gestão, e a perda da ideia de militância e formação política que caracterizava o IMS em seus primórdios.

4. Engajamento Político e Social: Da Gestão à Reitoria

O engajamento de Hesio Cordeiro transcendeu a academia e a gestão em saúde. Sua militância no PCB (influenciada por Moyses Szklo, um "teórico" do marxismo) e no PMDB demonstra sua busca por espaços de influência política. Sua nomeação para o INAMPS, após a redemocratização, foi um marco de sua atuação. Mesmo após ser demitido por José Sarney, sua saída foi marcada por uma manifestação de apoio no aeroporto Santos Dumont, evidenciando o reconhecimento de sua luta contra a privatização.

Sua carreira política culminou na Reitoria da UERJ, para a qual foi eleito duas vezes (1983 e 1992). Embora não tenha sido nomeado na primeira eleição por Leonel Brizola (que preferiu outro candidato), foi nomeado na segunda, com o apoio de Waldir Pires e Darcy Ribeiro. Sua gestão na Reitoria é lembrada com carinho por muitos funcionários e professores, especialmente pela liberação de recursos e pelos "melhores salários que a UERJ já pagou", graças ao apoio do Secretário de Fazenda Cibilis Viana e à criação do Prociência.

Mesmo em cargos de alta gestão, Hesio Cordeiro manteve um vínculo constante com o IMS, nunca se considerando ausente. Ele relata um episódio em que foi vaiado em uma manifestação de profissionais de saúde, sentindo-se "injustiçado pelo movimento popular que eu tanto defendia", o que demonstra a complexidade de sua posição como gestor em um campo de intensas disputas.

5. Legado e Impacto: Um Olhar Crítico sobre o Passado e o Futuro

O legado de Hesio Cordeiro é vasto e multifacetado. Ele foi um dos pilares na construção do IMS como um centro de pensamento crítico e formação de lideranças para a saúde pública. Sua visão de uma medicina com forte dimensão social, sua defesa da regulação do setor privado e sua atuação na transição para o SUS são

contribuições inegáveis. Ele formou e influenciou gerações de profissionais, muitos dos quais ocuparam e ocupam posições estratégicas no sistema de saúde brasileiro.

No entanto, Hesio Cordeiro também se mostra um crítico perspicaz da evolução do campo. Ele lamenta a perda da "militância" e da "formulação política" no IMS, a excessiva "compartimentalização" da Saúde Coletiva (com a epidemiologia se tornando muito quantitativista e perdendo a integração com as ciências sociais), e o distanciamento do Instituto do ensino médico de graduação. Sua relação com a Fiocruz, por exemplo, sempre foi "conflituosa", pois ele via o IMS como um contraponto à visão "sanitarista tradicional" e "oficialista" da Fiocruz.

Apesar de se aposentar em 1998, Hesio Cordeiro continuou atuante, retornando ao IMS como professor visitante e defendendo a importância de "cultivar a memória do Instituto". Ele via a necessidade de o IMS se dedicar mais à revisão das políticas de saúde e à crítica das formas de privatização. Sua capacidade de autocrítica e de análise das contradições do sistema, mesmo tendo sido um de seus principais arquitetos, é um testemunho de sua integridade intelectual.

Conclusão

Hesio Cordeiro representa uma geração de intelectuais e ativistas que, em meio a um cenário político complexo, dedicou-se à construção de um sistema de saúde mais justo e equitativo no Brasil. Sua trajetória, desde a clínica social com Piquet Carneiro até a presidência do INAMPS e a reitoria da UERJ, demonstra um compromisso inabalável com a dimensão social da medicina. O IMS, sob sua influência e liderança, tornou-se um farol de pensamento heterodoxo e um celeiro de quadros para a saúde coletiva.

Embora reconheça os avanços, Hesio Cordeiro não hesita em apontar os desvios e as perdas no caminho do SUS e da própria Saúde Coletiva, especialmente a crescente privatização e a diminuição do engajamento político e da interdisciplinaridade. Sua voz, portanto, não é apenas um registro histórico, mas um convite contínuo à reflexão crítica e à renovação do compromisso com os princípios que nortearam a criação de um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo. Seu legado reside não apenas nas instituições que ajudou a construir, mas na persistência de seu espírito crítico e na defesa incansável de uma saúde para todos.